

# O 'imbróglio' do Senado

A eleição do senador Ramez Tebet (PMDB-MS) para a presidência do Senado, em substituição a Jader Barbalho que, por conhecidas razões, renunciara ao cargo, está longe de resolver uma crise de comando que já se tornou crônica, na Câmara Alta. Na verdade, se existe um palco onde se exibem os conflitos de interesses político-partidários, as lutas pessoais por posições de poder, as articulações, "jogadas" e "rasteiras" de toda a espécie, a que se dedica boa parte da classe política cabocla – com as honrosas exceções de praxe, que confirmam a regra – e que pouco têm que ver com os reais problemas do País, este é, atualmente, o Senado da República. Parece até incrível que numa Casa pequena, de apenas 81 integrantes, caiba tanta intriga.

Como havia sido definido por acordo entre os partidos que formam a base de apoio do governo – acordo esse que recebera o aval direto do presidente da República –, continuaria a ser obedecido o critério da proporcionalidade e o sucessor de Jader Barbalho deveria sair das fileiras do PMDB. O senador José Sar-

ney (PMDB-AP), depois de muita relutância em disputar o cargo dentro de seu partido, pois pretendia ser escolhido por uma unanimidade que se afigurava muito difícil, talvez tenha tido sua candidatura esvaziada – apesar da boa aceitação de seu nome, até por parte da oposição – um pouco pelo fato de sua filha, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, ser candidata a candidata à Presidência da República pelo PFL, e bastante por ser ele próprio um pefelista de nascimento "naturalizado", por conveniência, peemedebista e amigo de Antonio Carlos Magalhães.

O senador José Fogaça (PMDB-RS), com sua chamada "candidatura ética", era a alternativa preferida da oposição – tanto que, depois de o senador gaúcho ter sido derrotado dentro de seu partido, foi convidado pelos opositoristas a lançar sua candidatura avulsa no Plenário, o que de pronto recusou. Ramez Tebet era o preferido do Planalto e acabou se tornando "o máximo divisor comum" – como definiu o presidente do PSDB, deputado José Anibal (SP). Mas, especialmente por ter presidido a Comissão de Ética que pro-

cessou o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (que, no discurso de renúncia, acabou apelidando-o de "rábula do Pantanal"), Ramez Tebet foi de todas as formas repudiado pelo PFL. O resultado de todo esse "imbróglio" é que o novo presidente do Senado foi eleito com 31 votos em branco e 3 anulados – supondo-se que 5, destes 34 votos, vieram do próprio PMDB. Por aí já se percebem as limitadíssimas condições de liderança que desfrutará o que deve comandar,

de agora em diante, o Senado da República e o Congresso Nacional.

Apesar de, em seu discurso de posse, Ramez Tebet ter forçado muito a metáfora, dizendo considerar os votos em branco, que acabara de receber, como símbolos da paz e "mensagem de harmonia", foi demonstração simbólica do contrário – e, por sinal, de extrema deselegância – a atitude da bancada pefelista, que se retirou do Plenário no momento em que o novo presidente iniciava seu pronunciamento.

Mas, deixando de lado os exageros emocionais e retóricos de Tebet, em seu discurso, julgados por muitos "provinciano", "folclórico", ou "típico de presidente de Câmara de Vereadores" – a ponto de o líder petista José Eduardo Dutra (SE) ter exclamado "pelo amor de Deus, este homem tem de parar", e o senador Pedro Piva (PSDB-SP) ter dito "eu estou com vergonha" –, é preciso, como sugeriu o líder do PPS no Senado, Paulo Hartung (ES), "ajudá-lo a encontrar o rumo".

**É incrível que  
haja tanta  
intriga numa  
Casa com  
apenas 81  
membros**

Realmente, não há outra saída, a não ser dar as melhores condições para que o novo presidente do Senado venha a superar suas limitações e fazer a Casa funcionar, trazendo para sua pauta de deliberações os projetos e temas de grande interesse para a sociedade brasileira, e que não estão merecendo a atenção, o tempo e muito menos o empenho dos ilustres senadores da República, soterrados que têm sido por questões de natureza bem diversa – sejam de decoro parlamentar ou de sucessão presidencial.